

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO GÊNERO DA LITERATURA INDIGENA: VIVÊNCIAS E RELAÇÕES PEDAGÓGICAS KAWAIWETE

Lucinda do Carmo Sirayup Kayabi¹

Waldinéia Antunes de Alcântara Ferreira²

Resumo

O presente artigo apresenta uma reflexão e experiência de prática pedagógica com a contação de histórias do povo kawaiwete do município de Juara MT. Os apontamentos deste texto fazem parte também do projeto de pesquisa do mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGECEI – UNEMAT. O objetivo é relatar uma prática pedagógica de contação de história desenvolvida junto aos alunos do ensino médio e anciã da aldeia Tatuí, do povo Kawaiweté do estado de Mato Grosso-Rio dos Peixes, Juara-MT. A metodologia de desenvolvimento da ação pedagógica foi a roda de conversa com contação de história. Compreendo que é de fundamental importância para o povo contar as histórias e a elaboração de registros delas com uma escrita que respeite os saberes dos sábios da comunidade. Dessa forma, é possível, produzir uma aprendizagem intercultural em processos de registro e com o envolvimento dos anciãos, da educação indígena com a educação escolar como instrumento que possibilita manter viva a memória pela literatura indígena com o uso do gênero contação de história.

Palavras-Chave: Contação de história, prática pedagógica, literatura indígena.

1 Introdução

O presente artigo vem falar sobre uma prática pedagógica sobre contação de histórias e ao mesmo tempo refletir sobre a contação de história como um dos gêneros da literatura indígena. E falar de literatura indígena é também falar sobre produções escritas,, muitas que são publicadas e outras que são feitas no nível da experiência pedagógica em várias escolas.

De acordo com Daniel Munduruku (2018) a escrita é uma conquista bastante nova para a maioria dos 305 povos indígenas do Brasil. Conforme esse autor e a nossa

¹ Mestranda do PPGECEI/UNEMAT, Professora da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup.

² Doutora em Educação UFRGS, Professora do PPGECEI/unemat, coordenadora do curso de licenciatura em pedagogia intercultural da FAINDI/unemat. waldineia.ferreira@unemat.br

compreensão os conhecimentos que temos foram na sua grande maioria aprendidos de geração em geração. Nossos conhecimentos são ancestrais e foram apreendidos pela oralidade pela palavra dos nossos avôs, dos anciãos das nossas comunidades e a oralidade é usada como um instrumento de transmissão da tradição.

Ainda de acordo com Daniel Munduruku com a contação de histórias leva as novas gerações a exercitarem a memória, pois ela é a guardiã das histórias. Para ele, “A memória é, ao mesmo tempo, passado e presente, que se encontram para atualizar os repertórios e possibilitar novos sentidos [...]” (MUNDURUKU, 2018, p.81)

Contar história para os povos indígenas é uma forma de resistência, de continuar falando das explicações do meu próprio povo. A contação de história é sobre as histórias do povo Kawaiwete. O povo Kawaiweté/Kayabi está no estado de Mato Grosso, no Município de Juara-MT, situados na Aldeia Tatuí, na Terra Indígena Apiaká/Kayabi, a 53 KM do Município, no Parque Indígena do Xingu, e no Pará também residem o povo kawaiweté.

A língua falada pelo meu povo é o Tupi Guarani, e cada lugar vive uma situação sociolinguística diferente. Na aldeia Tatuí, Terra Indígena Apiaká Kayabi a cultura e os costumes são praticados na comunidade, as práticas culturais vivenciadas envolvem as danças, os artesanatos, as pinturas corporais, as plantações das roças, caça, pesca e a coleta dos recursos naturais da floresta.

Todas essas atividades se relacionam as vivências e estão ligadas as histórias contadas pelos anciões, tudo que o povo kawaiwete realiza tem ligação com a natureza e com as histórias e respeito que acompanha a prática dessas atividades.

Por isso é fundamental continuar contando as histórias, elas são e fazem parte da identidade do povo, memórias aprendidas e repassadas de geração em geração. Para o povo kawaiwete contar as histórias, é contar parte de suas vivências, memórias que são coletivas do povo.

Atualmente, é preocupação da comunidade a continuidade da contação de histórias, pois antigamente elas eram repassadas, contadas, pois as famílias se reuniam durante a noite e os anciãos em rodas de conversa e trocas de experiências contavam as histórias para os mais novos, ocupavam o espaço da aldeia e as histórias eram contadas.

A oralidade e as narrativas dos anciões eram ouvidas com respeito e com curiosidades, dessa maneira as famílias aprendiam as histórias e depois também transmitiam, contavam essas histórias em suas casas para seus filhos.

Atualmente a comunidade vem tendo a preocupação com essas práticas, pois a população cresceu e com a chegada da tecnologia ocorreram modificações e as conversas e a escuta nas histórias que eram frequentes com os anciões foram ficando cada vez mais raro.

Assim, o objetivo da prática pedagógica de contação de história é incentivar que os estudantes da Escola Estadual Indígena Juporijup, desenvolver o gosto por escutar histórias e que depois relatem essas histórias em forma de texto produzindo registros e aprendendo as histórias do seu próprio povo.

Contação de histórias do povo kawaiwete: Uma prática pedagógica prazerosa

A partir desta parte do texto vou relatar sobre o papel da escola indígena na contação de história e uma experiência de contação de história com a participação de uma anciã.

Me pergunto, qual é o papel da contação de história na escola indígena?

Acredito que a escola que tem uma responsabilidade com comunidade um papel muito importante no ensino e no envolvimento das pessoas nas atividades que estão ligados a comunidade. Uma ligação entre os alunos que vem frequentar a escola e a própria comunidade.

A escola que estou falando, é a Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, ela atende os alunos da aldeia Tatuí desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o ensino Médio. Funciona em três períodos e trabalha as disciplinas que está relacionada ao ensino dos não indígenas, e também as práticas culturais relacionado aos costumes do povo. Ou seja, é uma escola intercultural.

Algumas atividades que são trabalhadas na escola têm recebido apoio dos anciões, das pessoas com experiências vividas. Esse apoio auxilia professores e alunos, como também tem ajudado as crianças a compreenderem as atividades da cultura que são realizadas no meio escolar, além de possibilitar que haja na escola o envolvimento da comunidade.

Uma das atividades que conta com a participação dos anciãos é a contação de história, e a escola tem assumido um lugar importante, de resistência. Pois é de grande importância falar sobre as histórias do seu povo. Essas histórias que muitas vezes são e foram contadas na oralidade. Compreendo que um dos papéis da escola é além de contar as histórias, registrar essas histórias, essa pode ser uma forma de assegurar essas memórias que são contadas pelos anciões da comunidade. Pode ser um jeito de estar engajamento dentro de uma luta de fortalecimento da cultura do povo kawaiwete.

Ou conforme sinaliza as autoras,

Contribuir com a implementação dos saberes tradicionais no currículo escolar mediante as atividades de contação de histórias, modo que os estudantes possam recontar histórias tradicionais narradas pelos anciões da aldeia promovendo a transmissão do saber e da cultura indígena por meio da oralidade (JACOBINA e LACERDA, 2022, p. 23-24).

Registrar e estar juntamente com os anciões, pode estar ajudando a melhorar o seu desenvolvimento da escuta, da compreensão também entender esses ensinamentos, principalmente na valorização da cultura. Outro ponto é que com o registro outras sociedades podem ter acesso a essas informações, ajudando principalmente os professores a serem os multiplicadores desses conhecimentos específicos do povo Kawaiweté aos alunos não apenas das escolas indígenas, mas também das escolas não indígenas.

Existe uma importância de estar trabalhando com os alunos juntamente com os anciões da comunidade, pois eles são os maiores sabedores das nossas histórias, sabem as diversas histórias do povo. Quando contam para os alunos eles passam a ter conhecimento dos diversos conhecimentos que existe do povo kawaiwete.

Também ao aprenderem esses conhecimentos da história acabam não ficando somente em sala de aula e sim levam essas experiências, essas histórias para sua casa e podem ser multiplicadores das histórias e conhecimentos. Quando comentam em suas casas todos da comunidade vem ter acesso as atividades desenvolvidas no meio escolar.

Mas como foi desenvolvida a atividade de contação de história? Vou responder na continuidade deste texto. A prática pedagógica de contação de história foi desenvolvida na escola juntamente com os alunos, tendo o envolvimento com a anciã e o pajé da comunidade, repassando suas experiências e conhecimentos para os alunos.

Destaco uma das experiências vividas com os alunos da Escola Estadual Indígena de Educação Básica Juporijup, eles são alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental e também do ensino médio. Para participarem deste momento os alunos utilizaram os materiais pedagógico, sendo os cadernos para anotações, e também na utilização da tecnologia do uso do celular para aproveitar os registros com fotos, e gravações, para estar ajudando na transcrição no momento que a anciã foi contando a história.

A contação de história não aconteceu dentro da sala de aula, mas no quintal da casa de Dona Katu. Então, saímos da sala de aula para ir até o local onde iria ser contado uma história. Uma história que foi narrada pela anciã Katu Kayabi, como os estudantes na maioria não entende na língua materna e como Dona Katu, acaba misturando o português com a língua materna foi convidado o professor e pajé Esmeraldo Myau para auxiliar na tradução quando fosse necessário. A contação de história demorou um tempo, mas sempre respeitamos os limites e o tempo disponível deles.

Fomos bem recebidos pela dona Katu e sua família, onde disponibilizaram o espaço próximo de suas casas para nos reunir no momento com os alunos, vieram colaborar contando uma história do povo Kawaiweté.

A anciã iniciou narrando sua própria história, contou que ela sempre contava diversas histórias para seus filhos quando eram pequenos, e gostava de repassar esses conhecimentos, e de agora contribuir para as novas gerações.

Aqui relato um pouco sobre a história que ela veio fazer a narração na oralidade para os alunos, tendo a ajuda na tradução com o professor Esmeraldo Myau, pois diversas vezes ela vinha falar na Língua Materna, e dessa forma para ajudar os alunos compreender nas explicações, sendo que ainda na maioria dos mais jovens vem ter dificuldade em pronunciar e falar na língua Materna do povo.

Passo a descrever a história da origem do fogo relatada por dona Katu, anciã e sabedora do meu povo. A história foi contada no quintal de sua casa, debaixo de um pé de mangueira.



Explica que tem uma história da origem do fogo. Antigamente não existia o fogo, e o povo kawaiwete não tinha o fogo, apenas uma ave era o dono do fogo, e essa ave era o urubu rei, para onde ele ia carregava consigo o fogo para que ninguém pegasse.

Havia dois irmãos e um deles pediu ajuda para o seu irmão, para pegar o fogo. E um deles se disfarçou em um animal morto, colocou uma capa parecida com um couro, e para que isso desse certo passaram muitas coisas no corpo para atrair o mal cheiro. Dessa forma as moscas se juntassem na carniça e dessa forma chamaram a atenção dos urubus.

Logo em seguida se aproximou um urubu preto, para verificar se realmente aquele animal estava morto, para depois ir avisar os demais companheiros, e vendo que realmente o animal estava morto, retornou para o céu para avisar a todos que na terra tinha realmente bicho morto.

Convidou a todos, principalmente o urubu rei, e em seguida foram todos para a terra. Chegando lá avistaram a carniça, e nisso o urubu rei queria ser o primeiro a comer e iniciou a comer primeiro o olho. Então o homem que estava disfarçado dentro do animal que estava camuflado, estava atento aos passos do urubu rei, pois ele ia largar o fogo em algum lugar para poder se alimentar.

Na hora que o urubu rei largou o fogo, ele assustou todos os urubus, saiu do seu disfarce, pegou o fogo e saiu correndo, nesse momento com o fogo na mão foi passando o tição de fogo nas madeiras que eram usadas pelo povo. Dessa forma veio a ter o fogo, e os Kayabi ficaram cuidando do fogo para nunca apagar. Assim foi feito o tição de fogo nas madeiras, são várias madeiras que são boas para fazer lenhas e boas de brasa, e uma dessas árvores é o urucum.

Depois de contar a história ela acrescenta outras informações que também são importantes na vida do nosso povo. Ela explica que antigamente os talos do urucum os antepassados utilizavam para acender o fogo, secavam os talos ao sol para depois acenderem a fogueira.

O fogo é importante, mas também antes todos os alimentos que eram consumidos, principalmente a caça e a pesca, tinham que ser exposto ao sol e deixar dias secando para depois ser consumido, as coisas mais fáceis para serem consumidas era o mel e frutas que tinha bastante na mata.

Dona Katu, vai falando em língua materna e o professor Esmeraldo aos poucos vai me repassando em língua portuguesa, assim explicam que aquelas madeiras que não são boas para fazer lenha, são aquelas que não foram passadas o tição de fogo.

O fogo é importante para o povo Kawaiweté, no passado, depois que passou a ter o fogo ficou mais fácil se defender dos animais ferozes da floresta, o fogo os afasta. O fogo também ajudou a se aquecerem do frio, e hoje todos dependem para fazer o preparo da alimentação.

A utilização do fogo é muito importante não apenas para o meu povo mais para todos os povos. Ainda assim, é preciso ter o cuidado em seu manuseio, pois ele também pode trazer muitas destruições com seu uso incorreto.

O povo kawaiwete vem utilizar o fogo com cuidado principalmente no tempo em que os homens vêm fazer a queimada da roça de toco, onde ainda é realizado essa pratica do povo para poder ser realizado a plantação.

Os alunos ouviram atentamente, afinal de contas se tratava de uma história verdadeira da explicação da origem do fogo, eles pouco ouvem essas histórias na atualidade, conhecem só um pouco sobre as histórias doo seu povo. A história contada envolve a cosmologia do meu povo kawaiwete. Durante a contação da história podia se ver nos semblantes dos alunos admiração e curiosidade em fazer as perguntas, pois nem todos que estavam ali presentes, tinham o conhecimento da história.

Também alguns não tem o costume de ouvir histórias no meio familiar, e isso fez com que despertasse nos alunos o interesse de conhecer cada vez mais as histórias do povo. As histórias são textos orais que tem significados, mas podem ser registrados, escritos auxiliando no fortalecimento da escrita e da leitura. Mas esse momento de oralidade é o que faz parte da cultura do povo Kawaiweté.

Conforme BRASIL (2005) atividades desse tipo, além de despertarem a vontade de aprender a ler e a escrever, levam o aluno a observar, a pensar, esses elementos são importantes, para que o aluno seja capaz de compreender textos mais complexos. Outro aspecto importante é a reaprendizagem da escuta de uma anciã que fez a história na língua materna. Segundo Jacobina e Lacerda (2022, p.26) É importante a realização desse trabalho porque possibilita com que educadores pensem sobre o “potencial pedagógico das práticas tradicionais de contação de história e rodas de leitura no ensino devido à possibilidade de estabelecer um diálogo intercultural do pedagógico”.

Depois de vivenciar essa experiência da contação de história, cada aluno pode escrever o que sentiu quando escutou a história e também escrever a história. Dessa forma acredito que a atividade ajudou os alunos a compreenderem sobre nossa história sobre a origem do fogo. Foi um relato, um texto oral que de alguma forma contribui para que eles vão despertando a escrita, a leitura e a aprendizagem de outras histórias do próprio povo.

Cada aluno poderá propor suas ideias, a visão que ele vai ter sobre o texto escritos sobre as histórias, acredito que isso ajuda construir uma relação das atividades que estão relacionados na escola com as histórias que explicam as coisas do cotidiano, conforme a realidade da vivência e do seu povo.

Durante o momento da contação de história observei que a anciã estava feliz em estar contando as histórias para os alunos, feliz em estar repassando esses conhecimentos para as crianças, ela também se sentia acolhida.

Essa metodologia, de ir até a ancião para a contação de histórias é uma forma de estar aproximando as pessoas, juntamente com os anciões e de ouvir as experiências, ensinamentos. Uma forma de visualizar que a escola precisa desses ensinamentos, assim a anciã colaborou com o ensino, pois a história do povo também vem fazer parte do currículo e das práticas pedagógicas na escola.

Trazer a comunidade para perto da escola, é fazer uma escola diferente e também é promover o fortalecimento da cultura e costumes do povo kawaiwete.

Por outro lado, enquanto prática pedagógica podemos dizer que este exercício faz parte do desenvolvimento de uma literatura indígena. Para Daniel Munduruku, a literatura indígena é na atualidade muito importante para os povos indígenas. Assim, ele diz que “O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que atualizam o pensar ancestral” (MUNDURUKU, 2018. p.83).

De acordo com Danner, Dorrico e Danner (2018) a literatura indígena é uma afirmação étnico-cultural. E existem diferentes gêneros entre eles, os ensaios, **contação de histórias**, teatro, narrativa e poesia, e que mesmo produzindo esses tipos de literatura continuamos cultivando a memória da nossa cultura ancestral. A literatura indígena também

possibilita que os intelectuais e os escritores indígenas concebam e utilizem a arte e a literatura como lugar de crítica social, de resistência cultural e de luta política, partindo da tradição e assumindo uma postura de crítica do presente desde a sua singularidade antropológica e como forma de denúncia e de publicização de sua condição de vítimas de nossa modernização conservadora (Danner, Dorrico e Danner, 2018, p.32).

Considerações finais

Trazer os conhecimentos dos anciões para a escola, como por exemplo, na forma de contação de história ajuda no aprendizado dos alunos, juntamente com os professores que vem atuando em sala de aula. Pois educadores precisam estar presentes nas organizações, nos debates que está relacionado ao seu povo; precisam refletir sobre os

conteúdos que precisam ser trabalhados na escola e o conhecimento sobre o seu próprio povo é de fundamental importância.

A contação de história é uma metodologia das escolas em geral e é feita de diversas formas, existem livros de histórias não indígenas publicados, a intenção do nosso povo é que tenhamos mais publicações de materiais, e iniciamos esse trabalho nas salas de aula com os alunos aprendendo a ouvir as histórias dos anciãos e depois fazer a produção escrita.

A comunidade e a escola precisam ter mais apoio nas produções de materiais pedagógicos, conforme a realidade do povo, para que não fique somente o ensino do não indígena, onde muitas vezes as realidades dos materiais pedagógicos que vem para as escolas indígenas não vem atender a realidade do povo, por isso é preciso a importância de nós professores irmos em busca de conhecimentos, de escrevermos e incentivar os alunos da comunidade a escreverem também.

A escola precisa ser cada vez mais lugar de aproximar os conhecimentos da realidade indígena, de fortalecimento da cultura e costumes do povo kawaiwete.

REFERÊNCIA

BRASIL, **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

DORRICO, Julie. **Vozes da literatura indígena brasileira contemporânea: do registro etnográfico à criação literária**. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

JACOBINA, Tânia Pascoal Metelo e LACERDA, Léia Teixeira. **Contação de histórias tradicionais e leitura na alfabetização na escola municipal indígena Pilad Rebuá, Miranda, MS**. *Ethnoscintia* – ano 07, número 02 - 2022 – [ISSN: 2448-1998]. Disponível: <http://dx.doi.org/10.18542/ethnoscintia.v7i2/12643>.

MUNDURUKU, Danile. **Escrita indígena: registro, oralidade e literatura - O reencontro da memória**. In DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção*. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.